

# LITERATURA INFANTIL EM QUADRINHOS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

MEDEIROS, Cássia Angélica Barros  
SILVA, Estelita Alves de Lima  
SOUZA, Denise Ferreira

SANTOS, Gustavo André. Especialista em Língua Portuguesa

## **Resumo:**

O presente artigo é o resultado da convergência de leituras acerca da Literatura Infantil em quadrinhos no ensino da Língua Portuguesa. O texto traz uma análise da história da Literatura Infantil como um impulso do homem em contar histórias; faz também a relação entre a Literatura Infantil e a educação, vez que a prática do professor, quando permeada pela característica literária tem o poder de incentivar a criatividade, autonomia e criticidade do aluno; trabalha também as características da obra literária infantil com sua função primordial na formação infantil e, por fim, a história em quadrinho no contexto da Língua Portuguesa como um suporte pedagógico de aprofundamento da língua materna. Assim, objetiva-se com este trabalho uma maior reflexão acerca da Literatura Infantil nas aulas de Língua Portuguesa como um veículo que permita professores e alunos mergulharem nesse universo que encanta, mas que também gera conhecimento.

## **Literatura Infantil em Quadrinhos no Ensino da Língua Portuguesa**

Literatura, arte de produzir obras, palavra intransitiva que leva ao deleite. Infantil, associado à literatura não significa que tenha ganhado forma para atender necessariamente ao público infantil porque o ato de contar histórias foi sempre uma necessidade do ser humano e acaba por se tornar, aquela que corresponde aos anseios do leitor que se identifica com ela.

O impulso por contar histórias, nasceu com o homem à medida que sentiu necessidade de comunicar com os outros suas experiências. Com isso, não existe um povo que não se orgulhe de suas histórias, lendas, tradições porque são expressões de sua cultura. Assim, desde essa época a palavra para o homem converteu-se em algo mágico, um poder misterioso, que poderia proteger como também ameaçar, construir ou destruir. A Literatura

Infantil constitui-se como gênero durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico.

O aparecimento da literatura infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo "status" concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emergência deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela.

Segundo Cunha (1991, p. 23), a literatura infantil:

Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias [...] Fica evidenciada a estreita ligação da literatura infantil com a Pedagogia, quando vemos, em toda Europa, a importância que assumem os grandes educadores da época, na criação de uma literatura para criança e jovens. Sua intenções eram fundamentalmente formativas e informativas, até enciclopédicas [...].

Ainda em seus primórdios a literatura foi essencialmente fantástica porque nessa época a humanidade não tinha acesso ao conhecimento científico de forma sistemática dos fenômenos que dizem respeito à vida natural ou humana. Por esse motivo, o pensamento mágico tomava o lugar da lógica.

Compreende-se pois, o motivo que levou a literatura arcaica transformar-se em literatura infantil porque a sua natureza mágica atrai espontaneamente as crianças. Por meio do prazer ou emoções que as histórias proporcionam, ressurgem um simbolismo que está implícito nos personagens, agindo assim no inconsciente da criança, ajudando a resolver conflitos interiores próprios da sua idade. Assim, as histórias contadas para crianças sempre exprimiram uma linguagem simbólica direcionada para a aquisição de modelos lingüísticos.

Diagnosticando a produção literária, surgiu com o objetivo de analisar valores, ajudar a enfrentar a realidade social como também realizar a adoção de bons hábitos. Palo e Oliveira (2001, p. 23), referem-se à função utilitário-pedagógica (ser mais pedagogia do que literatura) presente na literatura infantil afirmando que:

Dentro do contexto da literatura infantil, a função pedagógica implica a ação educativa do livro sobre a criança. De um lado, relação comunicativa leitor-obra, tendo por intermediário o pedagógico, que dirige e orienta o uso da informação; de

outro, a cadeia de mediadores que interceptam a relação livro-criança: família, escola, biblioteca e o próprio mercado editorial, agentes controladores de usos que dificultam à criança a decisão e escolha do que e como ler. Extremamente pragmática, essa função pedagógica tem em vista uma interferência sobre o universo do usuário através do livro infantil, da ação de sua linguagem, servindo-se da força material que palavras e imagens possuem, como signos que são, de atuar sobre a mente daquele que as usa; no caso, a criança.

No Brasil, especificamente, a literatura infantil só chega por volta do século XIX, ainda com adaptações das “produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias” (CUNHA, 1991, p. 23). Assim, ainda segundo esta autora essa fase embrionária é representada por Carlos Jensen, Figueiredo Pimentel, Coelho Neto e Olavo Bilac e Tales de Andrade. Foram os primeiros brasileiros a se preocupar com a literatura infantil no país, traduzindo as mais significativas páginas dos hoje “clássicos” para a garotada.

Até por volta da década de 70 a literatura infantil era somente dedicada às traduções de clássicos e alguma coleções estrangeira de grande notoriedade comercial.

Com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em alguns personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional” (CUNHA, 1991, p. 24).

Nessa perspectiva e modos de escrever a literatura infantil, observa-se um mesmo questionamento que é a inquietação intelectual e preocupação com as questões nacionais e mundiais. Outro grande problema é a excessiva produção literária sem uma preocupação pedagógica. Esse aspecto da literatura infantil ainda faz o Brasil ressentir. Nas palavras de Cagneti (1986, p. 27), “há uma nova geração de livreiros preocupados com a qualidade, outros não, querem apenas vender”.

Tanto a literatura infantil quando a escola foram nomeadas para desenvolver a intelectualidade da criança uma vez que contam com um espaço privilegiado para o desenvolvimento e o gosto pela leitura. Entretanto, a família e a escola têm a responsabilidade de formar adultos saudáveis para garantir a manutenção de um melhor estilo de vida.

Cabia à escola preparar a criança para a realidade, para a vida em sociedade. Era

uma infância demarcada pela falta de experiência, inocência, sua imagem era o reflexo do que o adulto e a sociedade pensava de si mesmas. Dessa forma, era tarefa da escola, envolver a criança no mundo real e protegê-las das agressões mundanas.

Como a escola participou desse processo de inserção da criança no mundo real, um dos instrumentos que serviu para transmitir esses ensinamentos foi a literatura infantil. Um universo vivido através da fantasia, do imaginário, com a intervenção de entidades como bruxas, fada, animais falantes, plantas, permitindo a criança a compreensão do mundo uma vez que ainda não consegue compreender respostas realistas. Nesse sentido, as crianças dão vida a tudo, o Sol é vivo, a lua é vida e todos os outros elementos do mundo e da natureza. O que pode ser visto em Abramovich, (1997, p. 121): "a magia não está no fato de haver uma fada já anunciada no título, mas a sua força de ação, de aparição, de comportamento, de abertura de portas, na sua insegurança [...]".

Em outros componentes curriculares, a atenção volta-se aos conteúdos significativos para as crianças, na literatura infantil encontra-se o espaço privilegiado para estimular o sujeito a ser o criador da sua hipótese mágica. Entretanto, a literatura infantil é indispensável tanto na escola, como em outros meios institucionais que trabalham para o desenvolvimento intelectual e emocional da criança.

Mas, se a literatura for utilizada no ensino da Língua Portuguesa, cabe ao professor, afastar da sua prática uma literatura mecânica, moralizante, que somente ensine a ser bonzinho, ajudar, ficar contente com as coisas que possui, ou seja, é revoltante trabalhar as crianças para serem passivas e seguidoras de modelos. De acordo com Cagneti (1986, p. 35-36), "o educador vai precisar usar toda sua sensibilidade, tendo em mente que cada situação e ocasião têm aspectos muito particulares".

Desta feita, a literatura infantil no ensino da Língua Portuguesa, necessita de um professor que também introduza em sua prática uma literatura de cunho formativo, que

contribui para o crescimento e identificação pessoal do aluno, propiciando a este, a percepção de diferentes resoluções de problemas, despertando a criatividade, a autonomia, a criticidade, que são elementos necessários na formação da criança na sociedade atual.

O professor precisa fazer a seleção de livros observando a boa estética, o texto apropriado, uma ilustração motivadora. É através da literatura infantil que se pode fornecer condições da criança ter conhecimento do mundo por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. Não basta colocar a criança em contato com o livro, na escola, para se conseguir formar um leitor. É preciso atentar para a forma de ler, de compreender e os significados presente em cada texto e contexto.

Palo e Oliveira (2001, p. 09), argumentam que:

Nesse universo, opera-se por associações mais simples de pensamento, as de contigüidade, feitas com base na proximidade explícita e compulsória entre os elementos da cadeia significativa: texto-contexto. Lógica comandada pelos princípios de sucessividade e de linearidade, o que corresponde ao resgate do tempo real com base na verossimilhança pretendida como uma lei absoluta da linguagem discursiva.

É sabido que a escola promove o intercâmbio entre a criança e a literatura, e ela tem a oportunidade de estimular o gosto e o hábito pela leitura. Por esse motivo, o professor deve introduzir na sua prática pedagógica, métodos ou estratégias criativos que estimulem a emancipação pessoal e o desenvolvimento integral da criança.

Sabe-se que a literatura pode proporcionar fruição, alegria e encanto quando trabalhada de forma significativa pelo aluno. Além disso, ela pode desenvolver a imaginação, os sentimentos, a emoção, a expressão e o movimento através de uma aprendizagem prazerosa.

Coelho (2000, p.27) apresenta a sua visão sobre a literatura infantil, afirmando que:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.

Na observância desses aspectos, não dá para distanciar a literatura do cunho formativo da aprendizagem escolar. Literatura/ educação/escola caminham em direção à formação da criança, mas os professores devem ficar atentos para a forma como esta literatura está sendo trabalhada.

É de fundamental importância formar leitores, mas esta tarefa não é tão simples assim em virtude de problemas sociais.

Só quando a leitura fizer parte do ambiente cultural de um povo, só quando existirem livros identificados com os anseios e gostos das diversas faixas etárias de uma população é que podemos afirmar que todos gozam do mesmo direito de ler (CAGNETI, 1986: 22).

Literatura é também lazer, quando feita com fruição. Ela convida o aluno a dar vida aos sonhos, a rir, a chorar, mas o que acaba acontecendo é que a escola tanto pode influenciar para o bem como também para o mau, podendo no aluno o hábito de ler e fazendo-o achar que a leitura é a coisa mais chata do mundo.

Para Abramovich (2001, p. 16), as histórias para as crianças permitem:

[...] sorrir, rir, gargalhar com situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos.

As histórias também permitem sentir emoções diferentes e importantes, como a tristeza, o medo, a raiva, a alegria, o pavor, a insegurança e viver tudo o que as narrativas provocam. Elas também permitem conhecer outros lugares, outros tempos e jeitos de ser, de se comportar, de agir.

Ainda Abramovich (2001, p. 17), argumenta que é ficar sabendo Português, História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula, porque se tiver deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é um outro departamento.

A Literatura Infantil, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada

como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo. Sendo fundamental mostrar que a literatura deve ser encarada, sempre, de modo global e complexo em sua ambigüidade e pluralidade.

Até bem pouco tempo, a literatura infantil era considerada como um gênero secundário, e vista pelo adulto como algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (forma de entretenimento). A valorização da literatura infantil, como formadora de consciência dentro da vida cultural das sociedades, é bem recente.

A literatura infantil, mais do que nunca continua sendo uma função primordial na formação infantil, mas ainda há muita resistência por parte dos educadores e literatos, que não se valem da literatura para ensinar os seus alunos, o que acaba acarretando uma perda muito grande na formação íntegra da criança. Como afirma Coelho (2000, p. 17), “as histórias são para criança o que foram as parábolas de Cristo para os Cristãos, para os homens, sementes para germinar e frutificar”.

Caracteristicamente, a obra literária é arte cujo instrumento é a palavra, é também um marco inicial na formação pessoal e cultural de uma criança. A literatura no ensino da língua portuguesa tem a finalidade de educar, instruir e distrair. A mesma atua em três áreas que seriam: a afetividade, que desperta a sensibilidade e o amor à literatura; compreensão que desenvolve a leitura e o embasamento no texto e inteligência, desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos, e principalmente a aprendizagem intelectual.

Este é um instrumento fundamental para aguçar o sentido crítico, ampliar a visão da vida, aumentar a perspectiva das coisas. E tudo isso começa a partir dos primeiros passos e das primeiras sílabas no mundo maravilhoso da literatura infantil.

Nas palavras de Cunha (1991, p. 70), “as obras literárias para crianças é essencialmente a mesma obra de arte para o adulto. Difere desta apenas na complexidade de concepção: a obra para crianças será mais simples em seus recursos, mas não menos valiosa”.

Assim, a criança no desenvolvimento dos seus hábitos de leitura precisa de dois tipos de livros: os que estão de acordo com a sua idade e outros mais avançados uma vez que ela cresce de acordo com os obstáculos vencidos. Pois o teor da dificuldade, faz a criança sentir-se empenhada para resolver o problema e conseqüentemente desenvolver-se. Isso significa dizer que ensinar a criança por meio de obras literárias é desafiar.

Quanto á característica da ilustração presente nas obras literárias infantis, Cunha (1991), argumenta que as ilustrações nos livros devem ser cheias de sugestões, que não impeça outras leituras do texto, mas sim dê às crianças a oportunidade de imaginar, recriar, ir além do próprio desenho. “As imagens no livro infantil são essenciais no processo de comunicação mensagem/leitor, pois atingem direta e plenamente o pensamento intuitivo sincrético/globalizador que é característico da infância” (COELHO, 2000, p. 217).

Não é à toa que o caminho para a redescoberta da literatura infantil foi aberto pela Psicologia Experimental que, revelando a inteligência como um elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto.

A sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança, ou do meio em que ela vive.

Uma característica importante da literatura infantil são os quadrinhos. Para Eisner (1999) as histórias em quadrinhos é um recurso que atravessou milênios, usadas por civilizações diversas, associadas ou não a linguagem verbal. Nas palavras de Rama et al (2004, p. 8), “pode-se dizer que as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica”.



Corroborando com estas idéias, o homem primitivo transformou as paredes das cavernas num grande mural de comunicação. A partir daí pode ser registrada a primeira história contada por sucessão de imagens. Mas, com o advento do alfabeto fonético, a imagem passa a ter menor relevância como elemento de comunicação.

Com o aparecimento da imprensa, da evolução da indústria tipográfica vão sendo criadas as condições necessárias para o aparecimento das histórias em quadrinhos como meio de comunicação de massa.

Despontados inicialmente nos Estados Unidos e voltados para as produções de imigrantes, os quadrinhos tinham características cômicas, com desenhos satíricos e personagens caricaturais. Algum tempo depois passou a ter publicação em jornais e cresce a diversidade temática.

Mas, o quadrinho, como produção artística e educativa, surge no ambiente cultural europeu. A esse respeito Ianonne; Ianonne (1994) admitem que os precursores desse gênero, tal como o conhecimento hoje, surgiram apenas na Europa, em meados do século XIX, com as histórias de Busch e de Topffer. Os autores salientam que no fim do século XIX, como o menino amarelo (yellow kid), desenhado por Ricfard Outcault e publicado no jornal New World, nascia o primeiro herói dos quadrinhos.

[...] a percepção de que as histórias em quadrinhos podiam ser utilizadas de forma eficiente para transmissão de conhecimentos específicos, ou seja, desempenhando uma função utilitária e não apenas de entretenimento, já era corrente no meio “quadrinhístico” desde muito antes do seu “descobrimento” pelos estudiosos da comunicação (RAMA et al, 2004, p. 17).

Nessa trajetória, no século XIX consolidaram-se os jornais, o veículo ideal para a expansão do alcance dos quadrinhos e da sua diversificação, passando a circular em publicações exclusivamente a eles dedicadas, os gibis e também no meio virtual com temáticas e os mais diversos estilos.

Rama et al (2004) argumenta que esta inclusão efetiva se deu de forma tímida. Inicialmente eram somente utilizadas para ilustrar alguns aspectos específicos das matérias

que antes eram explicados por um texto escrito. Nesse momento, ainda apareciam em proporções pequenas nos livros didáticos, pois temiam que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência por parte da escola. Mas, depois de constatado os resultados positivos, autores de livros didáticos passaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras, ampliando assim a penetração no ambiente escolar.

Desta feita, Cirne (2000, p. 23), define os quadrinhos como:

[...] uma narrativa gráfico visual, impulsionada por sucessivos cortes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas. O lugar significante do corte – que chamaremos de corte gráfico – será sempre o lugar de um cote espaço-temporal, a ser preenchido pela imaginário do leitor.

Entretanto, como salienta Fix apud Marcuschi (2000, p. 27), a heterogeneidade tipológica, propriedade de todos os gêneros, também constitui as histórias em quadrinhos, estas podem salientar além das seqüências narrativas, seqüências características de outros tipos textuais, como a argumentativa e a injuntiva.

Marcuschi (2000), explica que uma possibilidade de agrupamento de gêneros é a de domínio discursivo, que indica instância de formação discursiva, como no discurso jornalístico e no discurso literário. Dessa forma, os quadrinhos podem ser situados numa verdadeira constelação de gêneros não verbais ou icônico-verbais assemelhados.

Entre os que circulam na mídia escrita, de acordo com a ordem do surgimento a caricatura, a charge, o cartum e as próprias histórias em quadrinhos. O cartum e a história em quadrinhos diferenciam-se: ambos compõe-se de um ou mais quadrinhos com seqüência narrativa. Essa seqüência só é obrigatória para as histórias em quadrinhos, a qual conta com personagem fixo.

Como em diversos países as histórias em quadrinhos já faziam parte do currículo escolar, aconteceu também no Brasil reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 e pelos PCN (1998) que incorporam o consenso sobre a necessidade de exposição à diversidade de gêneros de circulação social como um dos princípios básicos do ensino da língua materna.

No Brasil, por exemplo, apesar de ainda cultivar a produção estrangeira, já existe uma tradição arraigada no Tico-Tico, lançado em 1905. Mas o problema reside no fato de que a literatura em quadrinhos extrapola o literário e o lúdico para adentrar no ideológico e no ético. Coelho (2000) salienta que daí surge o perigo apontado por estudiosos, porque a literatura estrangeira adentra o território nacional e “alimenta” o brasileiro.

Ainda nesse contexto, um jovem em 1960 resolve lançar-se na grande aventura das histórias em quadrinhos. Cresce e se destaca Mauricio de Souza, o único desenhista que vive de quadrinhos. Desde 1963 dirigindo uma equipe de desenhistas iniciava a criação de novos personagens como Chico Bento, Penadinho, Astronauta e Bola Bola. Mas, o ápice do seu sucesso vem em 1964, com a sua principal figura de seu mundo infantil, a Mônica (COELHO, 2000).

A partir daí, a turma da Mônica se torna a mais bem sucedida família de personagens dos quadrinhos e passa adentrar palcos internacionais.

Pode-se dizer que no Brasil, o fenômeno da história em quadrinhos em termos nacionais apenas começa. E talvez mais cedo do que se imagina seja possível resolver os grandes problemas de editoração e mercado que ele envolve e principalmente resolver o que aqui os interessa mais de perto: a descoberta da literatura, para os pequenos leitores, como prazer e como elemento formador de seu espírito ou consciência de mundo (COELHO, 2000, p. 220).

Portanto, ler a história em quadrinhos não é considerada uma atividade fácil, porque baseia-se na comunicação visual de elementos pré-estabelecidos e há muito transformados em símbolos compreensíveis, de ligação estabelecida, portanto, entre a página de história em quadrinho e seu leitor, através de elementos que aos poucos vão sendo inventariados pelo último, como se fosse um hieróglifo a ser decifrado. Trata-se da complementaridade entre texto e imagem, tendo como fundamento principal a presença física do personagem em cena que, dramaticamente colocado, conduz a narrativa, sendo exatamente ele uma interpretação gráfica de nossas próprias experiências.

Nas palavras de Rama et al (2004), não existe regras, mas ela ainda salienta que o

único limite para seu aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de utilizá-lo para atingir seus objetivos de ensino. Assim, os quadrinhos podem ser utilizados para introdução de um tema que será desenvolvido mediante outros meios, aprofundar um conceito que já fora apresentado, gerar uma discussão a respeito de um assunto, ilustrar uma idéia, ou até como uma contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação.

Nesse caso, é tarefa do professor, estabelecer qual a estratégia mais adequada para atender às necessidades da faixa etária para que se possa alcançar a capacidade de compreensão dos alunos.

Os quadrinhos não devem ser vistos pela escola como uma espécie de panacéia que atende a todo e qualquer objetivo educacional, como se eles possuíssem alguma característica mágica capaz de transformar pedra em ouro. Pelo contrário, deve buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editorial, televisiva, radiofônica, cinematográfica etc., tratando todos como formas complementares e não inimigas ou adversárias dos estudantes (RAMA et al, 2004, p. 27).

Além disso, torna-se também importante a seleção do material a ser trabalhado em sala de aula, levando em consideração o número de publicações de literatura em quadrinhos nos últimos anos torna-se. Para Coelho (2000) torna-se necessário uma nova reflexão que distinguisse o processo de leitura proporcionado pelos quadrinhos e conteúdo que é veiculado pela grade massa dessa literatura, a maior parte realmente negativa.

Assim, a identificação dos materiais devem ser adequados para a classe a ser trabalhada, tanto em termos de temática, linguagem, idade e desenvolvimento intelectual dos alunos.

Rama et al (2004, p. 66) dia que a utilização dos quadrinhos, especificamente no ensino da Língua Portuguesa, não se trata de condenar as gramáticas normativas ou desqualificá-las, mas o fato é que o conceito de língua portuguesa hoje é muito mais amplo e o texto tornou-se o principal suporte pedagógico, e não apenas os textos literários. “Os quadrinhos são sem dúvida, um riquíssimo material de apoio didático. Sendo bem trabalhados

(o que poucas vezes acontece), propõe aos alunos um bom debate e um maior aprofundamento do que seja o ensino da língua portuguesa”.

Dessa forma, é ideal que o professor adapte suas atividades à sua realidade de sala de aula, aprimorando, reinventando e inovando porque este caminho a ser percorrido deve ser positivo, para que os quadrinhos despertem nos alunos o poder de compreensão do mundo à sua volta de forma lúdica.

## **REFERÊNCIAS**

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras E Bobices**. São Paulo: Scipione, 2001.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te Quero Livre**. Rio de Janeiro: Ática, 1986.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1991.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

IANONNE, Leila R.; IANONNE, Roberta A. **O Mundo das Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

MARCUSCHI, Luiz A. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Recife, 2000.

PALO, Maria José e OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil - Voz de Criança**. São Paulo, Ática, 2001.

RAMA, Ângela et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.